

# Vogais temáticas nominais e construções gramaticais

Mauro José Rocha do Nascimento\*

**Resumo** – Este trabalho parte dos pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva, mais especificamente do modelo da Gramática das Construções desenvolvido por Goldberg (1995), adaptando-o para construções de base morfológica. O processo no qual um substantivo é formado a partir de um verbo, ou vice-versa, sem uso de afixos, é o que propomos chamar “reenquadre morfológico”. Uma variação desse processo acontece envolvendo subclasses de substantivos. Essas subclasses são conjuntos de construções, cuja forma está relacionada às vogais temáticas e cujo significado está relacionado ao gênero. Há um conjunto básico, em que gênero e sexo estão diretamente ligados, e um conjunto decorrente, em que outras relações semânticas se estabelecem. As construções decorrentes herdam do grupo básico o fato de o masculino ser o protótipo e o feminino ser menos prototípico. No primeiro grupo a relação de prototipicidade se manifesta em relação ao sexo dos referentes; no segundo as construções masculinas vão indicar elementos mais gerais e denotativos, enquanto as femininas vão indicar elementos mais específicos e conotativos.

**Palavras-chave** – Vogal temática. Reenquadre morfológico. Gênero.

## 1. Introdução

A análise do significado de base composicional remonta a Frege, no final do século XIX. Nesse modelo de análise, que foi a tônica durante muitos anos e ainda é endossado por uma quantidade considerável de lingüistas, o significado do todo é igual à soma dos significados das partes. A vogal temática nominal, nesse modelo, tem sido motivo de divergência entre os lingüistas. Esse segmento é tratado como um elemento segmentável, recorrente, mas isento de significado, o que faz com que alguns estudiosos inclusive duvidem de seu status como morfema. Estruturalmente, o vocábulo *mesa*, por exemplo, cujo significado básico é ‘peça de mobiliário, com tampo horizontal apoiado sobre pés’, pode

---

\* Professor de 1º e 2º graus no Centro Federal de Educação Tecnológica de Química – CEFET-Química, Rio de Janeiro, Brasil.

ser segmentado em radical, *mes-*, mais a vogal temática *-a*, que não tem significado algum: apenas distribui o item lexical em classes mórficas (cf. CÂMARA Jr., 1977) ou categorias (cf. ZANOTTO, 1986). Conseqüentemente, numa análise composicional, o significado do radical do item lexical formado por radical + vogal temática vai ser exatamente igual ao significado do próprio item.

O problema é: se a vogal temática é vazia semanticamente, e o significado de um item lexical formado por radical + vogal temática é igual ao significado do próprio radical, como explicar diferenças semânticas entre os itens *barco / barca*, *mato / mata*, *lenho / lenha*, *jarro / jarra*? Numa análise puramente composicional, não há solução para esse problema, porque ou se considera que A) em *barco* e *barca* há dois radicais diferentes; ou se considera que B) as especificidades de significado estão na vogal temática. A coincidência de forma e uma relação estreita no significado dos dois vocábulos eliminam a primeira hipótese. Se compararmos o significado dos vocábulos *cama*, *saída* e *mata*, não conseguiríamos estabelecer nenhuma semelhança de significado a partir da vogal temática, que é a mesma nos três casos. Isso elimina a segunda hipótese.

A nossa hipótese para dar conta desse problema é de que há um processo de formação de vocábulos, em português, o qual propomos chamar de *reenquadre morfológico*. Nesse processo, estão envolvidas construções gramaticais relacionadas à vogal temática nominal e à categoria de gênero. Na 2ª parte deste artigo, explicitamos os pressupostos teóricos que dão base a este trabalho; na 3ª, apresentamos a proposta do processo de reenquadre morfológico; na 4ª e última, apresentamos nossa proposta de reenquadre envolvendo as construções *X-o / X-a*, relacionadas a vogal temática e gênero.

## 2. Pressupostos teóricos

Este trabalho parte dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, mais especificamente do modelo da Gramática das Construções desenvolvido por Goldberg (1995), adaptando-o para construções de base morfológica. O trabalho de Goldberg tem como objeto de estudo construções envolvendo verbos e sua estrutura argumental. A tese central de Goldberg é de que

[...] sentenças básicas do inglês são instâncias de *construções* – correspondências forma-significado que existem independentemente de verbos específicos. Isto é, sustenta-se que as construções portam significado por si mesmas, independentemente das palavras na sentença. (GOLDBERG, 1995, p.1)

As construções sintáticas, segundo os pressupostos da Gramática Gerativa, são consideradas como um epifenômeno, ou seja, como meras conseqüências da aplicação de regras sintáticas. O trabalho de Goldberg veio reforçar a idéia de que, na verdade, as construções gramaticais podem ser reconhecidas, por si só, como entidades teóricas.

Além disso, outro importante princípio estabelecido pela autora é de que os valores semânticos de uma sentença podem ser associados diretamente a padrões sintáticos específicos, ou seja, a partir da Gramática das Construções, a relação entre forma e significado – entendendo o termo *forma* tanto numa perspectiva lexical quanto sintática – é mais integrada do que se tem considerado. Nos termos de Goldberg (1995), as unidades básicas da linguagem são as construções gramaticais, as quais são definidas da seguinte forma:

C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado  $\langle F_i, S_i \rangle$ , de tal forma que nenhum aspecto de  $F_i$  ou de  $S_i$  seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4)

Goldberg, em concordância com a obra pioneira de LAKOFF (1987) a respeito das redes construcionais, afirma que a totalidade das construções de uma língua forma um conjunto sistemático e organizado. A tese da autora é de que as construções formam uma rede, e são ligadas entre si por relações de herança, isto é, uma construção decorre da outra herdando características específicas. As relações entre construções são regidas por alguns princípios básicos. São eles:

- a) **Princípio da Motivação Maximizada**  $\Rightarrow$  se uma construção A é sintaticamente relacionada à construção B, então o sistema da construção A é motivado no mesmo grau que essa construção seja também semanticamente relacionada à construção B. Essa motivação é maximizada.

- b) **Princípio da Não-Sinonímia** ⇒ se duas construções são sintaticamente distintas, devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.  
 Corolário A ⇒ se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas têm de ser pragmaticamente distintas.  
 Corolário B ⇒ se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas têm de ser semanticamente distintas.
- c) **Princípio do Poder Expressivo Maximizado** ⇒ o inventário de construções é maximizado para atender aos propósitos comunicativos.
- d) **Princípio da Economia Maximizada** ⇒ o número de construções distintas é minimizado tanto quanto possível, dado o princípio anterior.

Goldberg, nas relações que as construções estabelecem umas com as outras numa rede construcional, identifica quatro tipos de relação de herança entre as construções. Como “herança” entende-se qualquer característica formal ou semântica que esteja na construção básica e se transfira para a construção decorrente. São as seguintes as relações de ligação:

- a) **Ligação por polissemia** ⇒ nesse tipo de ligação, se estabelece uma relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido, que estará presente na construção decorrente.
- b) **Ligação por subpartes** ⇒ ocorre quando uma parte de outra construção existe independentemente, constituindo uma outra construção à parte.
- c) **Ligação por instância** ⇒ acontece quando uma determinada construção é uma instância de outra, com alguns elementos especificados.
- d) **Ligação por extensão metafórica** ⇒ acontece quando duas construções se relacionam por meio de um mapeamento metafórico.

A abordagem construcional tem como premissa básica que não há distinção entre léxico e sintaxe. Salomão, num artigo que discute exatamente essa questão, afirma: “a linguagem é concebida como uma **rede construcional**, de tal modo que as unidades constitucionais divergem apenas no caráter de sua especificação formal interna” (SALOMÃO, 2002, p. 69). A língua passa a ser vista, nessa perspectiva, como um imenso *continuum*, formado exclusivamente por construções, desde as mais básicas até as mais complexas. Dessa perspectiva, portanto, vocábulos e estruturas sintáticas não são unidades discretas, perfeitamente distinguíveis entre

si, e sim partes de um *continuum*. Não há, portanto, uma fronteira rígida que os separe. Conseqüentemente, as áreas de investigação da Morfologia e da Sintaxe passam a ter também um objeto de estudo com limites pouco precisos. Poderíamos esquematizar esse *continuum* da seguinte forma:

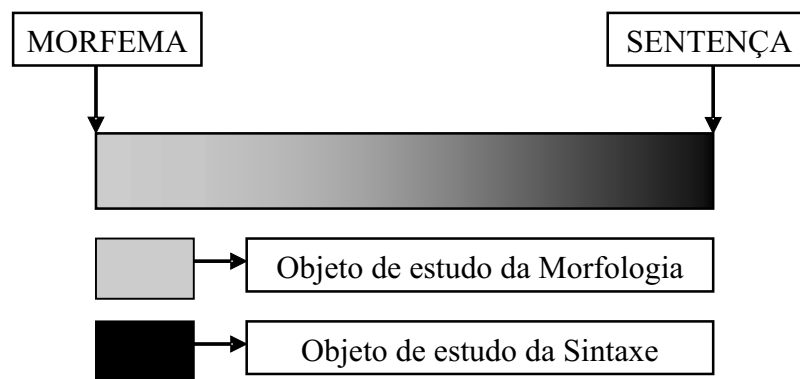


Figura 1 - Limites dos objetos de estudo da Morfologia e da Sintaxe.

Na maioria das vezes em que se fala de construções gramaticais, os exemplos e os objetos de estudo são construções de base sintática, ou seja, localizadas mais à direita do *continuum* mostrado na Figura 1. A própria Goldberg, no entanto, atenta para o fato de que morfemas devem também ser considerados construções gramaticais: “expandindo um pouco a noção pré-teórica de construção, morfemas são claras instâncias de construções, já que são pareamentos de significado e forma, os quais não são previsíveis a partir de nenhum outro elemento” (GOLDBERG, 1995, p. 4). Apesar disso, quase todos os trabalhos publicados concentram suas análises na parte direita do *continuum* – incluindo a própria Goldberg. Neste trabalho, ao contrário, centraremos foco na parte esquerda desse *continuum*, analisando construções de base morfológica: as construções envolvendo vogais temáticas nominais.

### 3. O processo de reenquadre morfológico

O processo de formação de palavras por reenquadre morfológico está sendo proposto para explicar as diferenças de sentido entre os elementos dos pares do tipo *barco* / *barca*. Este processo, no entanto, não

se restringe a esse grupo de palavras. Para conceituar o reenquadre morfológico, utilizamos uma outra situação em que ele se apresenta de forma mais evidente: o reenquadre de um verbo para um substantivo e vice-versa. Após essa conceituação, aplicaremos o conceito na descrição dos pares do tipo explicitado acima.

Na descrição tradicional do português, há uma oposição entre a noção de processo derivacional progressivo – com acréscimo de elementos mórficos – e regressivo – com retirada de elementos. Said Ali, gramático que produziu sua obra em fins do século XIX e primeira metade do século XX, assim define esse último processo: “consiste a derivação regressiva em criar vocábulos não acrescentando, mas subtraindo algum afixo” (SAID ALI, 1964, p. 117). Gramáticos mais recentes, como LIMA (1972, p. 214), CUNHA E CINTRA (1985, p. 102) e BECHARA (1999, p. 370), e até mesmo lingüistas, como a brasileira ALVES (1990, p. 71) e as portuguesas AZUAGA (1996) e RIO-TORTO (1998) também utilizam em suas obras definições semelhantes. Um exemplo desse processo seria a formação do vocábulo *agravo*, a partir do verbo *agravar* – exemplo dado por RIO-TORTO (1998, p. 98). Aparentemente, não incomoda a nenhum desses autores o fato de que o substantivo *agravo* não é formado simplesmente com retirada de elementos do verbo *agravar* – nele, aparece um elemento que não estava presente na palavra original.

Alguns autores, no entanto, atentaram para esse detalhe. BASILIO (1987, p. 39), analisando as formações *apertar / aperto*, *ameaçar / ameaça* e *cortar / corte*, observa que “se considerarmos que esses casos são de derivação regressiva, pelo menos teremos que considerar que se trata de um caso misto, pois também ocorre o acréscimo de vogais”. Sandmann, sem chegar a nenhuma conclusão, aventa a possibilidade de esse tipo de formação ser sufixal, e não regressiva. Esse autor questiona se não se poderia considerar como sufixos o *-o* final de *agito*, o *-a* de *engorda* ou o *-e* de *desmame* (SANDMANN, 1997, p. 45). Outro autor que questiona a existência de deverbais regressivos é Rocha, que em sua obra tem um subitem intitulado “O problema da derivação regressiva” (ROCHA, 1998, p. 185). Esse autor, de forma mais peremptória que Sandmann, considera esse tipo de formação como sufixal, e não como regressiva. Segundo Rocha, tanto as formações *patrulhamento* quanto *patrulha* são derivadas do verbo *patrulhar* pelo mesmo padrão de formação:  $V \rightarrow S_{-suf}$ . A diferença seria que

*patrulhamento* seria formada com acréscimo do sufixo nominalizador *-mento* ao verbo *patrulhar*, enquanto *patrulha* seria gerada a partir da seguinte RFP (regra de formação de palavras):  $[\text{patrulhar}]_v \rightarrow [[\text{patrulhar}]_v \emptyset]_s$ , que ele chama de “derivação zero”, utilizando um “sufixo implícito zero”.

De acordo com os pressupostos da Gramática das Construções, no entanto, não é possível concordar com o artifício proposto por Rocha (apesar de a proposta ser mais consistente que a noção de “derivação regressiva”). Se as construções gramaticais são pareamentos de forma e significado (GOLDBERG, 1995), não é admissível um afixo zero, sem significante.

Neste trabalho, propomos uma nova visão, diferente da tradicional, que considera essas formações como regressivas, e diferente também da proposta de ROCHA (1998), que considera como um caso de derivação zero. Sendo a construção gramatical a unidade básica da língua, as classes de vocábulos são também consideradas tipos de construções gramaticais, assim como cada um dos elementos que isoladamente compõem essas classes. No par *transtornar* / *transtorno*, por exemplo, o primeiro elemento pertence a um conjunto de vocábulos que compartilham uma semântica própria e possuem características formais também próprias – os verbos. Da mesma forma, os substantivos, conjunto no qual se inclui o segundo elemento do par, também têm características semânticas e formais que lhe são peculiares.

Na formação *transtornar* → *transtorno*, não acontece uma perda de elementos, como preconiza a descrição tradicional, mas uma substituição. Acontece um reenquadre: a construção gramatical deixa de ser uma construção característica de um verbo (com seus constituintes e semântica próprios) e passa a ser uma construção gramatical que caracteriza o vocábulo como um substantivo (também, por sua vez, com forma e semântica próprias). Nesse processo de formação, o verbo perde o elemento que o caracteriza como pertencente a essa classe de vocábulos, ou seja, a vogal temática verbal<sup>1</sup>. Quando esse vocábulo se reenquadra no conjunto dos substantivos, adquire os elementos que caracterizam essa classe, no caso, a vogal temática nominal e a possibilidade de anexação da desinência nominal (de número). Este processo está sendo designado como *reenquadre morfológico direto*, ou seja, que acontece diretamente de uma classe a outra, envolvendo exclusivamente os elementos que caracterizam genericamente as classes envolvidas. Dessa forma, o termo

*pesca*, formado por reenquadre, se iguala construcionalmente a *mesa*, que é um vocábulo primitivo.

De forma semelhante, também é possível haver o processo inverso, isto é, um verbo ser formado a partir de um substantivo, por reenquadre morfológico. O verbo *perfumar*, por exemplo, seria formado a partir do substantivo *perfume*, com adaptação morfológica: a construção perde a vogal temática nominal *-e*, que a caracteriza como um substantivo, e recebe a vogal temática verbal *-a*, característica de verbos.

Nos reenquadres indiretos, há junção de construções – o elemento responsável pelo reenquadre é um afixo, os quais, como se enquadram na definição “pareamento forma / significado”, também são considerados construções. Dessa forma, a construção *colocação* é formada com a junção da construção verbal *colocar* com a construção sufixal nominalizadora *-ção* – responsável pelo reenquadre como um substantivo.

Os processos de formação de palavras do tipo *afagar* → *afago* e *cravo* → *cravar* poderiam, em princípio, ser designados de diferentes formas. A primeira delas, adotada por VILLALVA (2003, p. 953), é o termo *conversão*. Essa autora considera como conversão os casos exemplificados acima, além daquilo que é tradicionalmente chamado de conversão: a mudança de categoria gramatical sem mudança de forma (processo também chamado, na descrição tradicional, de “derivação imprópria”). Optamos por não usar esse termo para designar os processos em análise por já estar bastante comprometido, já que é usualmente relacionado ao processo de mudança categorial sem alteração na forma. Todos os autores a seguir utilizam o termo *conversão* nessa acepção: SANDMANN (1997, p. 47), CRYSTAL (1985, p. 68), JOTA (1976, p. 90), RIO-TORTO (1998, p. 98), AZUAGA (1996, p. 241), BASILIO (1987, p. 60), ALVES (1990, p. 60), ROCHA (1998, p. 172).

As outras possibilidades seriam os termos *recategorização* ou *transcategorização*, por um lado, e *reenquadre morfológico*, por outro. O termo *reenquadre* também já está, de certa forma, comprometido. Está, obviamente, relacionado ao termo *enquadre*, que é uma tradução do inglês *frame*, expressão cunhada por FILLMORE (1977). A noção de ‘enquadre’ tem sido, de modo geral, utilizada numa perspectiva semântico-pragmática. Está relacionada à nossa capacidade cognitiva de organizar mentalmente e explicitar verbalmente conhecimentos sobre aspectos do mundo funcional.

A noção de ‘enquadre’, no entanto, pode ser perspectivizada de uma forma menos pragmática e mais lingüística *stricto sensu*. Da mesma forma



que o falante é capaz de estruturar em sua mente um conhecimento de categorias extralingüísticas, também é capaz de estruturar categorias lingüísticas, mesmo que não saiba explicitar metalingüisticamente esse conhecimento tão bem quanto consegue listar os móveis de uma casa. E é baseado nesse conhecimento do falante em relação às categorias gramaticais – qualquer falante é capaz de perceber que existem diferenças funcionais e formais entre, por exemplo, *comprar* (verbo) e *compra* (substantivo) – que optamos por utilizar o termo *enquadre*, mesmo que numa acepção um pouco diferente da mais usual na literatura lingüística. Com esse termo, fica explícito que a passagem de uma categoria a outra não é simplesmente um artifício metalingüístico, mas um processo cognitivo realizado pelo próprio falante. Por essa razão, foram rejeitados os termos *recategorização* e *transcategorização*, que poderiam também designar os processos, mas na perspectiva do processo em si, e não da perspectiva do falante em relação ao processo que ele próprio realiza.

#### 4. As construções gramaticais x-o / x-a

##### 4.1. Protótipos semânticos e formais

Os substantivos, além de constituírem, em conjunto, uma construção, internamente também se distribuem em subcategorias, as quais, por sua vez, também constituem construções. Essas categorias estão relacionadas a dois fatores: o primeiro deles, de caráter semântico, é o gênero dos substantivos. O segundo, de caráter formal, é a vogal temática que figura na construção.

O gênero dos substantivos é conceptualizado como uma metáfora de um dos conceitos básicos na cognição humana, que é a diferença entre macho e fêmea. Em uma parte dos substantivos relacionados a seres sexuados, essa relação não é metafórica; é referencial. Isso acontece nos pares de substantivos que têm uma forma para se referir ao sexo masculino e outra para o feminino, como *homem / mulher*, *pombo / pomba*, *bode / cabra*, *francês / francesa*. Em relação ao significado, esse seria o núcleo prototípico da construção. A partir desse núcleo, irradiam outros conjuntos em que a relação com a noção de macho / fêmea é cada vez menos referencial. Desses conjuntos, o mais próximo do núcleo é o grupo de substantivos unigênicos referentes a seres sexuados, como *onça*, *juriti*, *borboleta*. Na

seqüência, vêm os substantivos com referência concreta relativos a seres não-sexuados e, por fim, os mais afastados do núcleo prototípico são os de referência abstrata.

Não levando em consideração a forma, as construções de gênero podem ser assim esquematizadas:

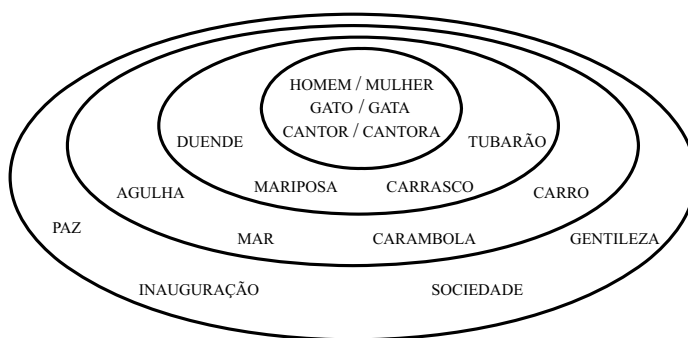


Figura 2

É interessante notar que, mesmo que a referência não esteja no sexo – *onça*, por ser um substantivo feminino, não tem somente referentes do sexo feminino – a conceptualização que está subjacente fica explícita em algumas situações. Nas histórias infantis, por exemplo, muito dificilmente apareceria uma personagem que se chamasse “Senhor Onça”. O gênero feminino do substantivo vai causar uma relação direta com o sexo feminino: a probabilidade maior é que a personagem seja “Dona Onça”. Com os substantivos abstratos, que têm uma referência muito mais distante da noção concreta de sexo, também acontece um processo semelhante. Quando são personificados, o sexo da personagem vai corresponder ao gênero do substantivo. Dessa forma, a Liberdade e a Justiça são personificadas como mulheres; o Amor e o Tempo são apresentados com forma masculina<sup>2</sup>.

As construções de gênero também se agrupam de acordo com as vogais temáticas que figuram nos substantivos. Nossa hipótese é de que há uma relação estreita entre vogal temática e gênero. O feminino é prototipicamente expresso pela vogal temática *-a*; o masculino pela vogal *-o*. Os nomes atemáticos se aproximam do núcleo prototípico do masculino, e os de tema em *-e* ficariam, numa configuração esquemática, equidistantes dos dois núcleos prototípicos. A representação esquemática da prototipicidade das vogais temáticas em relação ao gênero seria a seguinte:

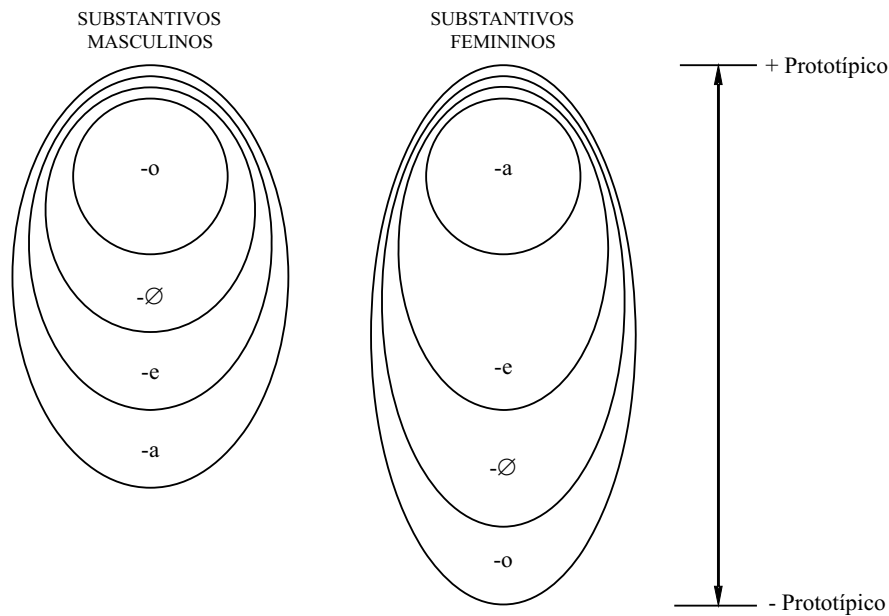


Figura 3

Ao cruzarmos o esquema semântico com o formal, encontraríamos um núcleo prototípico mais restrito, representado pelos pares do tipo *menino / menina, moço / moça, coelho / coelha*, em que a noção de sexo está explícita e as vogais temáticas são *-a* para feminino e *-o* para masculino. As inúmeras combinações entre as vogais temáticas utilizadas e a relação com sexo mais referencial ou mais metafórica formam uma graduação nas construções de gênero que partem do núcleo prototípico até chegar à zona mais periférica, em que há substantivos masculinos em *-a* e, mais afastados ainda do protótipo, femininos em *-o*. Todos os substantivos de tema em *-e* ficam numa zona neutra de prototipicidade. O substantivo abstrato feminino com tema em *-o* *libido* seria talvez o mais afastado possível do protótipo.

#### 4.2. O reenquadre entre as construções de gênero

Foi proposto, no item 3, o processo de formação de vocábulos por **reenquadre morfológico**, no qual o vocábulo primitivo perde as

características morfossintáticas da classe a que pertence e adquire as da classe em que está se reenquadrando. Um processo semelhante ocorre entre as subcategorias do substantivo: os elementos masculinos das construções se reenquadram como femininos. Dessa forma, *menino*, que é um exemplo da construção básica, perde o seu elemento caracterizador como uma construção de masculino, ou seja, a vogal temática *-o*, e se reenquadra em uma construção de feminino, recebendo a vogal temática *-a*, resultando na construção *menina*<sup>3</sup>. Nessas construções, que são referentes a seres sexuados, os valores semânticos envolvidos são óbvios: as variações de sexo. Esse reenquadre também pode acontecer a partir das construções com tema em *-e* e em  $\emptyset$ , mas não são formações prototípicas. O esquema a seguir mostra o processo de reenquadre das construções de gênero:

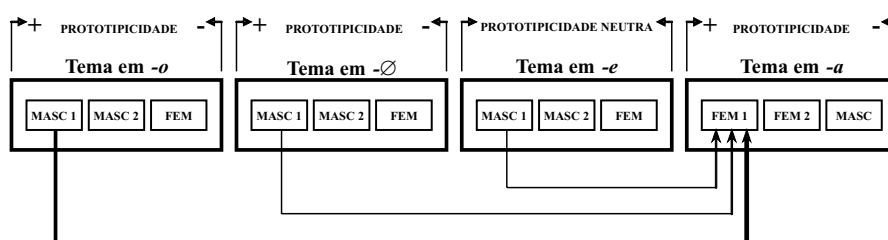


Figura 4

No esquema, os conjuntos representados pelo número 1 são os relativos a seres sexuados envolvidos no processo de reenquadre. Os conjuntos de número 2 são de vocábulos do mesmo gênero do primeiro grupo, mas não envolvidos no processo. Os do terceiro grupo são substantivos do gênero inverso ao dos vocábulos envolvidos no reenquadre.

A seta com linha mais cheia mostra o reenquadre prototípico: X-o → X-a. Os outros reenquadres, representados pelas setas com linha mais fina, também são possíveis, mas são menos ocorrentes. O reenquadre X-e → X-a ocorre, por exemplo, nas formações *parente* → *parenta* ou *mestre* → *mestra*. Essas formações, no entanto, além de pouco ocorrentes, tendem a ser desfeitas pelos falantes. Não são incomuns sentenças como as a seguir:

- (1) Maria é mestre em Linguística.
- (2) Maria é parente do meu vizinho.

As formações X-Ø → X-a com X terminando em vogal tônica são bastante incomuns. A única que nos ocorreu foi *peru* → *perua*. Mais produtiva é a formação, nesse padrão, na qual X termina em consoante. Tradicionalmente, esse conjunto de vocábulos é considerado como tema em -e, que é a vogal que aparece nas formas de plural. Esse padrão, exemplificado pelas formações *inglês* → *inglesa* ou *pastor* → *pastora*, seria do seguinte tipo:

MASCULINO SINGULAR		FEMININO SINGULAR
X-Ø	→	X-a
MASCULINO PLURAL		FEMININO PLURAL
X-e-s	→	X-a-s

Quadro 1

O esquema da Figura 4 representa todo o conjunto dos substantivos da língua. Essa representação divide os substantivos de cada subconjunto temático em três grupos, dos quais somente o primeiro representa os vocábulos envolvidos no processo de reenquadre. Perceba-se que é um processo produtivo, mas não obrigatório – nem todos os substantivos relativos a seres sexuados vão necessariamente se reenquadrar como femininos. É interessante notar que, por analogia, pode acontecer o processo invertido, ou seja, um termo feminino se reenquadrar como masculino. Os exemplos dados por KEHDI (1990) ilustram esse fato: *criança*, *corujo*, *madrasto*.

#### 4.3. A construção decorrente X-o / X-a

Neste item, retomamos o problema inicial, ou seja, as construções gramaticais do tipo *veio* / *veia*, *poço* / *poça*. Duas questões se colocam, opostas entre si: o que esses pares têm de semelhantes às construções analisadas no item anterior, do tipo *moço* / *moça* ou *pombo* / *pomba*? E o que têm de diferentes? Essas são as questões que tentaremos responder neste item. Formalmente a semelhança entre os dois tipos de construção é evidente: tanto *rato* / *rata* quanto *fruto* / *fruta* têm exatamente a mesma estrutura: há a mesma oposição de vogais temáticas nos dois pares. Essa semelhança formal levou Câmara Jr. (1970) a concluir que os dois tipos

de pares são exatamente o mesmo caso. Do ponto de vista semântico, porém, a semelhança não é tão evidente. Câmara Jr. tentou estabelecer uma generalização semântica para esses pares:

[...] o masculino é uma forma geral, não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (*jarra* é uma espécie de «jarro», *barca* um tipo especial de «barco», como *ursa* é a fêmea do animal chamado *urso*, e *menina* uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de «menino»). (CÂMARA JR., 1970, p. 88-9)

O problema é que, nem sempre, essa diferenciação se sustenta, empiricamente. PEREIRA (1987) observou que em vários casos, como *poço* / *poça* ou *espinho* / *espinha*, a relação geral/específico não ocorre. Poderíamos acrescentar, ainda, *porto* / *porta*, *veio* / *veia*, *sapato* / *sapata* e diversos outros. Ao contrário do que ocorre com os substantivos referentes a seres sexuados, a relação semântica entre esses pares não tem a regularidade que Câmara Jr. tentou estabelecer. A partir dessa constatação, Pereira conclui, então, que “não há efetivamente justificativa adequada para se afirmar que existe um processo sintático-semântico regular de ‘variação de gênero’ em substantivos inanimados, semelhante à variação regular dos substantivos animados” (IDEM, p. 47).

Numa abordagem construcional, consideramos que os pares *porco* / *porca* e *jarro* / *jarra* não podem ser considerados como exatamente a mesma construção, justamente pela diferença de significado entre o conjunto a que pertence o primeiro par – que é regular e indica sexo – e o conjunto a que pertence o segundo, cuja regularidade não é tão evidente. Consideramos, no entanto, que existe uma relação íntima entre um conjunto e outro: **a construção que envolve os seres não sexuados é decorrente da construção básica, que envolve os seres sexuados**. Em *menino* → *menina*, que é um exemplo da construção básica, há um reenquadre do masculino para o feminino, conforme visto no item anterior. Nas construções *jarro* → *jarra* há também um reenquadre do mesmo tipo: a construção de masculino perde o elemento que a caracteriza como tal, ou seja, a vogal temática *-o*, e adquire a característica morfossintática da construção de feminino – a vogal temática *-a*.

Conforme visto no item 2, em toda decorrência entre construções há uma relação de herança, ou seja, a construção decorrente herda

alguma característica da construção de origem. Em relação à forma, a característica herdada foi a ocorrência das vogais temáticas mais produtivas no processo de reenquadre da construção básica: *-o* e *-a*. No que diz respeito ao significado, a construção decorrente vai herdar a característica de o masculino ser o elemento nuclear, prototípico, enquanto o feminino é o elemento marginal, que se afasta do protótipo. Se na construção básica essa diferença entre os gêneros se realiza como a diferença entre os sexos, na construção decorrente essa relação vai ter um caráter bem menos objetivo. Nessa construção, o masculino vai se caracterizar por ser o elemento mais geral – como Câmara Jr. estabeleceu – mas também vai ter um valor semântico mais básico, menos figurativo. O feminino, ao contrário, vai ter valores semânticos mais específicos e mais figurativos (metafóricos ou metonímicos). A relação de herança que se estabelece entre as construções, como se pode perceber, é uma ligação por polissemia, isto é, uma extensão do sentido da construção básica está presente na construção decorrente. As oposições semânticas que se estabelecem entre o masculino e o feminino na construção decorrente vão ser mais exploradas no item 4.4.

A seguir, apresentamos um esquema da decorrência entre os dois conjuntos de construções:

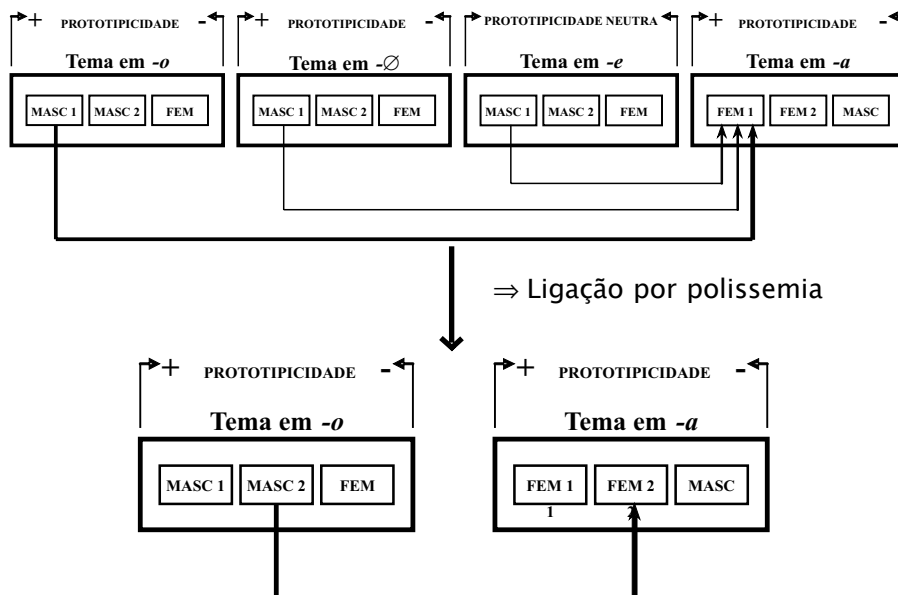


Figura 5

A parte superior do esquema é a mesma já apresentada na Figura 4, em que abordamos a construção básica; a parte inferior representa a construção decorrente. Perceba-se que os subconjuntos de substantivos envolvidos no segundo reenquadre não são os mesmos do primeiro. Os grupos envolvidos nos reenquadres da construção básica (identificados, no esquema, pelo algarismo 1) referenciam sempre seres sexuados; na construção decorrente, os subconjuntos envolvidos (identificados pelo algarismo 2) englobam os vocábulos referentes a seres não-sexuados.

#### 4.4. Relações semânticas

Numa análise de base composicional, em que o significado do todo é estabelecido pela soma dos significados das partes, os pares da construção decorrente (*jarro / jarra, porto / porta, marco / marca* etc.) deveriam ser sinônimos perfeitos, já que a vogal temática, em si, não tem significado<sup>4</sup>. O que causa a diferença de significado entre os elementos do par é, portanto, como vimos, o reenquadre em uma outra construção. Essa diferença semântica causada pelo reenquadre se baseia no princípio da não-sinonímia, estabelecido por GOLDBERG (1995). Segundo esse princípio, conforme visto no item 2, se duas construções são sintaticamente distintas devem ser semântica e pragmaticamente distintas. Esse princípio foi formulado para servir de base à análise de construções sintáticas (como evidencia o termo *sintaticamente*). Pode, no entanto, ser adaptado, e passa a ser verdadeiro para todo e qualquer tipo de construção: onde se lê “*sintaticamente*”, pode-se ler “*formalmente*”; dessa forma, vai passar a abranger também construções morfológicas.

Temos, assim, uma construção masculina *mato* que dá origem, por reenquadre, à construção feminina *mata* que deveria, se levados em conta apenas os significados de seus elementos constituintes, ser sinônima da construção original. Aplicado o princípio da não-sinonímia, no entanto, há duas possibilidades para as construções que em princípio deveriam ser perfeitamente sinônimas. A primeira delas é o bloqueio de uma das formas, de acordo com ARONOFF (1976): se há duas formas concorrentes na língua, uma é eliminada em benefício da outra. É o que acontece, por exemplo, com os substantivos deverbais *\*formamento* e *\*formância*, que foram bloqueados pela opção que os falantes fizeram pelo termo *formação*<sup>5</sup>. A outra possibilidade é uma especialização no significado da forma con-



corrente, passando ambas a co-ocorrer. É o que acontece com os deverbais *recebimento* e *recepção*, ou com os deadjetivais *claridade* e *clareza*. E é também o que ocorre com os pares em foco neste item: há uma especialização no significado da forma reenquadrada na construção de feminino.

Essa especialização pode ser principalmente de dois tipos: ou acontece uma restrição no valor semântico em relação ao masculino, tomando um significado mais específico, ou acontece uma extensão figurativa do significado, de base metafórica ou metonímica. Alguns pares, no entanto, estabelecem entre si uma relação totalmente imprevisível, conforme veremos a seguir. Exemplos do primeiro tipo, em que o feminino restringe o valor semântico do masculino, seriam *mato* / *mata*, *barco* / *barca*, *jarro* / *jarra*, *fruto* / *fruta*, *saco* / *saca*, *cerco* / *cerca*, *horto* / *horta*. Comparem-se os seguintes exemplos:

(3) Pedro gosta de viver no meio do **mato**.

(4) Pedro gosta de viver no meio da **mata**.

Na sentença (4), *mata* é um tipo de lugar específico, necessariamente formado por um conjunto de árvores. Já o termo *mato*, na sentença (3) é bem mais abrangente, pode ter como referente qualquer tipo de vegetação. A sentença (4) implica a sentença (3), mas o contrário não é verdadeiro. O mesmo acontece com os outros pares: toda *barca* é também um *barco*, mas nem todo *barco* é uma *barca*; toda *jarra* é também um *jarro* e assim por diante. No penúltimo par, *cerco* / *cerca*, o masculino é o ato de cercar, podendo nomear também qualquer coisa concreta que cerque algo; o feminino é mais específico, nomeando especificamente um determinado tipo de construção, com características próprias, que serve para cercar. No último, o feminino, *horta*, é mais específico: designa um terreno onde são plantados tipos específicos de vegetais comestíveis, sempre rasteiros ou de estatura baixa. O masculino, *horto*, é mais abrangente; designa um lugar onde se plantam diversos tipos de vegetais, que podem ser comestíveis, ornamentais, medicinais, etc. Esses vegetais podem ser desde plantas rasteiras até árvores.

A relação semântica que se estabelece entre os dois elementos do par também pode ser de base metonímica, ou seja, os referentes de cada elemento do par fazem parte do mesmo domínio cognitivo. Estão nesse caso os pares *braço* / *braça*, *comando* / *comanda*, *marco* / *marca*, *vento* / *venta*, *lenho* / *lenha*, *madeiro* / *madeira*, *ramo* / *rama*, *ovo* / *ova*. Como se pode ver, em todos há relações metonímicas, mas de diferentes tipos. Em *braço* /

*braça*, a relação é entre um referente e sua medida: *braça* equivale (ou equivalia, em sua origem) à medida de um braço. Em *comando* / *comanda*, o elemento feminino é uma representação concreta do ato de comandar (mas em contexto bem específico, que é o registro de consumo em um bar ou restaurante. Esse registro é o que vai determinar – ou seja, “comandar” – o pagamento da conta relativa ao consumo). Em *marco* / *marca*, o elemento masculino expressa um referente mais concreto, enquanto o feminino assume um valor semântico mais abstrato. Em *vento* / *venta* a relação metonímica é inusitada: *vento* é o ar em movimento; a parte do corpo por onde o ar se movimenta, ou seja, o nariz, passou a ser designado como *venta*. Nos outros pares, a relação é de elemento/conjunto: os referentes masculinos equivalem a elementos do conjunto; os femininos ao conjunto como um todo.

Outra relação possível é de base metafórica: são comparações entre elementos de diferentes domínios cognitivos. Fazem parte desse conjunto os pares *bico* / *bica*; *encosto* / *encosta*; *balanço* / *balança*; *banco* / *banca*, *barraco* / *barraca*, *bolso* / *bolsa*, *cinto* / *cinta*, *quadro* / *quadra*, *espinho* / *espinha*; *arco* / *arca*; *fosso* / *fossa*, *rolo* / *rola*; *veio* / *veia*; *calçado* / *calçada*; *sapato* / *sapata*; *porto* / *porta*. Nos treze primeiros pares, o elemento masculino tem um valor mais básico; o feminino é uma nomeação de base metafórica, através da comparação com algum dado da aparência física do referente de origem. *Bica* se assemelha ao aspecto de um bico; *encosta* ao de um encosto, e assim por diante. Em *calçado* / *calçada*, *sapato* / *sapata* e *porto* / *porta*, a relação é de finalidade: *calçado* e *sapato* servem para se pisar, se apoiar; *calçada* e *sapata* também vão servir, em contextos totalmente diversos, como pontos de apoio. *Porto* e *porta* têm em comum o fato de servirem como pontos de entrada em algum lugar: *porto* em uma cidade; *porta* em uma casa.

Alguns pares, como *palmo* / *palma*, *troco* / *troca*, *poço* / *poça*, *cesto* / *cesta*, *cinto* / *cinta*, estabelecem relações menos gerais, e por isso seus significados são menos previsíveis. Os dois primeiros, *palmo* / *palma* e *troco* / *troca*, expressam relações metonímicas, só que, nesses casos, a relação masculino/feminino é invertida: aparentemente, o feminino é anterior ao masculino. O primeiro par se assemelha a *braço* / *braça*, mas a noção de medida é metonimicamente expressa pelo masculino. No segundo, *troco* / *troca*, o feminino referencia o ato de trocar; o masculino tem como referente um subproduto desse ato. No terceiro par, *poço* / *poça*, os dois elementos do par têm em comum o fato de se referirem a uma porção

delimitada de água. O masculino, no entanto, tem como referente uma concavidade profunda e construída intencionalmente; o referente do feminino, ao contrário, é uma concavidade rasa e produto do acaso (conseqüência de chuva, por exemplo).

No quarto par, *cesto* / *cesta*, parece não haver uma relação geral/específico, nem do masculino para o feminino nem o contrário. Existe, é certo, uma estreita relação semântica, mas parece não estar perfeitamente clara a diferença de significado entre os dois. HOUAISS (2001) dá os dois termos como sinônimos. Para tentar perceber como os falantes diferenciam um termo do outro, perguntamos a seis informantes, todos cariocas e adultos, a diferença de significado entre os dois termos. Dois dos informantes não reconheceram diferença: afirmaram usar indistintamente, por exemplo, *cesto* ou *cesta de frutas*, *cesto* ou *cesta de roupa suja*. Uma pequena maioria, no entanto, considera que há uma diferença de dimensão e formato: segundo esses informantes, *cesta* tem uma dimensão relativamente menor e costuma ter o diâmetro da abertura maior em relação ao diâmetro da base; *cesto*, por sua vez, tem uma dimensão relativamente maior e costuma ter o diâmetro da base e o da abertura mais próximos. Além disso, *cesto* costuma mais freqüentemente ter uma tampa.

Essas diferenças de significado mostram que, nas construções de base morfológica, o significado não é sempre perfeitamente previsível. É possível estabelecer algumas regularidades, mas, como praticamente todos os demais aspectos da língua, vai haver elementos que se aproximam mais do padrão, ou seja, mais prototípicos, e outros que se afastam desse padrão.

## 5. Palavras finais

A Gramática das Construções é um modelo de análise bastante recente; sendo assim, há relativamente poucos trabalhos que utilizem seu arcabouço teórico. Desses, quase todos se dedicam a construções de base sintática, até porque o modelo foi desenvolvido para dar conta de construções sentenciais do inglês. A adequação do modelo para construções morfológicas foi até agora pouquíssimo explorado nos trabalhos lingüísticos. Esperamos que outros trabalhos se somem a este, no sentido de desenvolver mais a junção das perspectivas cognitiva e morfológica na descrição do português, e, principalmente, que esta tese

tenha sido uma contribuição de valor para o desenvolvimento dessa combinação de perspectivas.

## Notas

- <sup>1</sup> A desinência de infinitivo não é, na verdade, um elemento obrigatório nos verbos; o infinitivo como forma representante de todo o paradigma verbal é uma convenção de caráter lexicográfico. O que caracteriza o verbo de fato é a vogal temática verbal, à qual se adjungem as desinências verbais, dentre elas a de infinitivo
- <sup>2</sup> Essa relação imediata só não vai acontecer com palavras relativas a seres humanos com alto índice de ocorrência, como *peessoa* ou *criança*. Nesse caso, o gênero não aciona a relação com sexo. Em palavras com menor ocorrência, acontece a relação com sexo: dificilmente um homem usaria a expressão “*meu cônjuge*” (que é uma palavra considerada pela gramática tradicional como sobrecomum) para se referir à própria esposa.
- <sup>3</sup> Para uma maior fundamentação da não-diferenciação entre vogal temática e desinência de gênero, ver Nascimento (2006).
- <sup>4</sup> O que há é uma relação estreita entre as vogais temáticas *-a* e *-o* e os gêneros feminino e masculino, respectivamente; e uma conceptualização dos gêneros com base no sexo biológico. Isso não significa, no entanto, que as vogais temáticas *signifiquem* sexo.
- <sup>5</sup> É possível que, pela Teoria da Otimalidade, se explique a escolha que os falantes fazem por algumas formas em detrimento de outras.

## Thematic vowels in nouns and grammar constructions

**Abstract** – This work takes the Cognitive Linguistics as its theoretical basis, more specifically the Constructions Grammar model developed by Goldberg (1995), adapting it into morphologic constructions. It is proposed to call “morphological re-frame” the process when a noun is formed from a verb, and vice versa, using no affixes. A variation of this process occurs inside the noun category, relating noun sub-categories. These sub-categories are also sets of constructions. Its form is related to thematic vowels and its meaning is related to gender. Inside the set of gender constructions, there is a basic set, where gender and sex are directly linked. A second group of constructions, where other semantic relations are established, is derived from the first one. The derived constructions inherit from the basic group masculine gender being the prototypical one and feminine gender being the less prototypical one. In the first group the relation of prototypicality is about the sex of the referent. In the second set masculine gender expresses more general and denotative elements, while feminine gender expresses more specific and connotative elements.

**Key words** – Thematic vowel. Morphological re-frame. Gender.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- AZUAGA, Luísa. Morfologia. In: FARIA, Isabel Hub et al. (orgs.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002 [1987].
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1989 [1970].
- . *História e estrutura da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FILLMORE, Charles. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.), *Lingüistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- HOUAISS, Antônio (org.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994 [1972].

NASCIMENTO, Mauro José Rocha do. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PEREIRA, Maria Angela Botelho. *Gênero e número em português*: Estudo das relações forma-sentido na gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional*: Teoria e aplicação ao português. Porto: Porto, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 3 ed. Brasília: UNB, 1964.

SALOMÃO, Margarida. Gramática das construções: A questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2002, p. 63-74.

SANDMANN, Antônio. *Morfologia lexical*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

VILLALVA, Alina. Aspectos morfológicos da gramática do português. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

ZANOTTO, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.